

## *O mito fáustico em Grande sertão: veredas*

### **Resumo:**

O presente trabalho enfoca a reelaboração do mito fáustico, realizada por Guimarães Rosa, identificando como tal mito é incorporado à narrativa de Grande Sertões Veredas.

**Palavras-chave:** mito fáustico – pacto – demônio

## *O mito fáustico em Grande sertão: veredas*

Ada Maria Hemilewski<sup>1</sup>

*O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. (Guimarães Rosa)*

O mito fáustico existe muito antes de Goethe ter escrito sua obra *Fausto*.<sup>2</sup> A primeira versão literária surge em 1587, em Frankfurt. É intitulada *Livro Popular* e conta a vida de um homem que fazia acordos com o demônio. No entanto, o tema não é novo, pois aparece, com frequência, em narrativas medievais. Sua originalidade consiste no fato de que Fausto alia-se a Mefistófeles movido pela sede de conhecer e não para conquistar riquezas ou gozar os prazeres do mundo.

Muitas lendas e histórias giram em torno dessa figura, cuja origem é real, pois entre 1480 e 1540, teria vivido na Alemanha um indivíduo chamado Georg Faust, que se intitulava “filósofo-mor entre os filósofos”. Praticava a astrologia, era vidente e profeta, dizia-se médico e afirmava ser capaz de reanimar os mortos, sendo também famoso por suas alianças diabólicas e seus feitos considerados sobrenaturais.

Na tragédia de Goethe, Fausto alia-se a Mefistófeles com o objetivo de superar a insatisfação que sente perante a realidade, buscando a perfeição:

---

<sup>1</sup> Ada é doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS e é professora de Literatura Brasileira na URI-FW.

<sup>2</sup> GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. Tradução de Jenny Klabin Segall. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

Não penso em alegrias, já to disse.  
Entrego-me ao delírio, ao mais cruciante gozo,  
Ao fértil dissabor como ao ódio amoroso.  
Meu peito, dá ânsia do saber curado,  
A dor nenhuma fugirá do mundo,  
E o que a toda humanidade é doado,  
Quero gozar no próprio Eu, a fundo,  
Com a alma lhe colher o vil e mais perfeito  
Juntar-lhe a dor e o bem-estar no peito,  
E, destarte, ao seu Ser ampliar meu próprio Ser,  
E, com ela, afinal, também eu perecer.<sup>3</sup>

Para realizar o seu intento, está disposto a pagar qualquer preço. Assim, quando o demônio diz que ele lhe servirá neste mundo sem descanso ou paz, mas que em paga, Fausto fará o mesmo por ele no outro mundo, a personagem declara:

Que importam do outro mundo os embaraços?  
Faze primeiro este em pedaços,  
Surja o outro após, se assim quiser!  
Emana desta terra o meu contento,  
E este sol brilha ao meu tormento;  
Se deles me tornar isento,  
Aconteça o que der e vier.  
Nem me interessa ouvir, deveras,  
Se há no Além, ódio, amor, estima,  
E se há também em tais esferas  
Algum “embaixo” e algum “em cima”<sup>4</sup>.

Incapaz de compreender a aspiração de Fausto, seu anseio pela perfeição, o demônio interpreta como o desejo do gozo dos prazeres terrenos e procura satisfazer as prováveis vontades da personagem. Fausto parece insaciável, nada o satisfaz; nem os prazeres da carne, nem a satisfação da gula, nem o rejuvenescimento, nem o confronto com a magia levam-no ao objetivo a que se propôs. Sua meta somente é encontrada num fugaz momento, quando, no último monólogo, no átrio do palácio, a personagem, já cega e velha acredita que assiste aos trabalhos de construção de uma represa, que poderá transformar a nação e enriquecer o povo (p. 435); no entanto, são os lêmures que cavam a sepultura do herói. Morto Fausto, Mefistófeles convoca legiões de demônios, porém, a alma dele é roubada pelos anjos, que, com sua beleza

---

<sup>3</sup> Ibid., p. 85.

<sup>4</sup> GOETHE, 1997, p. 82.

e suas vozes, seduzem o próprio demônio. Assim, Fausto é salvo das profundezas do inferno.

Que é isso? — aonde se foram? voaram? como!  
Tomou-me de surpresa esse imaturo bando!  
Foi-se o tesouro! Ao alto a súcia carregou-mo!  
Eis por que andaram este túmulo rodeando!  
Foi-me abstraída a posse única e rara,  
A alma sem par, que se me penhorara,  
Raptaram-na, com sutil contrabando (p. 443).

O mito fáustico, sem dúvida, está presente em *Grande sertão: veredas*.<sup>5</sup> Ao iniciar o diálogo com o doutor, Riobaldo já faz menção ao demônio, contando-lhe que o *povo prascóvio* acreditava que o bezerro nascido com defeito, *arrebicado dos beijos*, que *figurava rindo feito pessoa, cara de gente e de cão*: era o próprio. O diabólico é apresentado em tal obra na sua multiplicidade, inspirada no folclore do sertanejo: *o Que diga, o Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Tal, o Não-sei-que-diga, o Outro, o Coxo*, etc.

Enquanto o demônio se multiplica, através da proliferação das denominações, Deus permanece na sua unidade. O diabo se *gasteja* e acaba reduzido a um mero O, e, finalmente, confunde-se com o sertão, pois ao desejar pronunciar Satanás, Riobaldo apenas diz o S que acaba se transformando em *Sertão*. O demônio deixa, assim, de ser uma entidade autônoma, pois a personagem conclui que:

Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é ditado: “menino — trem do diabo”? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes. ... *O diabo na rua, no meio do redemunho...* (p. 11).

Para Riobaldo, o Diabo está em todos e em tudo. Ele é o medo, a tristeza, a maldade, a escuridão, tudo que fica na margem esquerda do rio São Francisco, ao contrário de Deus, que é alegria, coragem, felicidade, tudo de bom e bonito que se

---

<sup>5</sup> GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. 13.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. (Todas as citações serão retiradas dessa edição.

encontra à margem direita do mesmo rio. Deus e o Diabo são entidades coexistentes, uma não exclui a outra, pois, paradoxalmente, uma é a outra e, negando-se a existência de uma, nega-se a existência da outra. Embora a figura do demônio e a tensão entre a existência de Deus e o Diabo, do bem e do mal, estejam presentes em toda a narrativa, o mito fáustico sobressai em três momentos.

A primeira alusão ao pacto com o demônio ocorre no momento em que Riobaldo conta ao doutor que antes de iniciarem a travessia do Liso do Sussuarão, conduzidos por Medeiro Vaz, ouve João Bugre dizer: “O Hermógenes tem pauta... Ele se quis com o capiroto”, e então Riobaldo explica ao doutor como se faz o pacto:

O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia. Ao que a pessoa vai em meia-noite, a uma encruzilhada, e chama fortemente o Cujo – e espera. Se sendo, há-de que vem um pé-de-vento, sem razão, e arre se comparece uma porca com ninhada de pintos, se não for uma galinha puxando barrigada de leitões. Tudo errado, remedante, sem completção... O senhor imaginalmente percebe? O crespo – a gente se retém – então, dá um cheiro de breu queimado. E o dito – o Coxo – toma espécie, se forma! Carece de se conservar coragem. Se assina o pacto. Se assina com sangue de pessoa. O pagar é a alma (p. 40).

Tal qual no Fausto de Goethe, aqui também o pacto se assina com sangue, pois, como declara Mefistófeles, “com sangue assina-se, uma gota! [...] Sangue é um muito especial extrato. (p. 84). O sangue, ligado ao demônio, reaparece na obra de Guimarães, quando Lacrau confirma a Riobaldo que *Hermógenes era positivo pactário*, e que

“ – Pra matar, ele foi sempre muito pontual... Se diz. O que é porque o Cujo rebatizou a cabeça dele com sangue certo: que foi o de um homem são e justo, sangrando sem razão...” Mas a valência que ele achava era despropositada de enorme, medonha mais forte que a de reza-brava, muito mais própria do que a de fechamento-de-corpo. Pactário ele era, se avezando por cima de todos (p. 309).

O segundo momento é quando Riobaldo conta ao doutor a história do pacto realizado entre Davidão e Faustino. Davidão pagou dez contos de réis para que Faustino morresse em seu lugar. Apesar de enfrentarem muitas lutas, nenhum dos

dois morre. Riobaldo diz ter narrado essa história a um moço da cidade, o qual cria um outro final em que, ao tentar matar Davidão, enquanto rolam no solo, Faustino crava a faca no próprio coração. Nesse episódio, tanto o nome da personagem Faustino, como o pacto, remetem ao mito fáustico.

O terceiro momento em que a alusão ao mito fáustico ocorre é quando o próprio Riobaldo analisa os sinais do pacto com o demônio em Hermógenes:

E, veja, por que sinais se conhecia em favor dele a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele não sofria nem se cansava, nunca perdia nem adoecia; e, o que queria, arrumava, tudo; sendo que, no fim de qualquer aperto, sempre sobrevinha para corrigimento alguma revirada no instinto derradeiro (p. 309).

Concluindo que *Hermógenes era grande destacado daquele porte*, e que precisava ser eliminado, para *dar cabo do Filho do Demo, do Pactário*, resolve, ele próprio fazer o pacto com o demônio: *Aquilo — era eu ir à meia-noite, na encruzilhada, esperar o Maligno, — fechar o trato, fazer o pacto!* (p. 310). Para realizar seu intento, Riobaldo dirige-se à encruzilhada de Veredas Mortas e, lá, chama por *Lúcifer*, o mais importante dos anjos caídos, segundo a tradição cristã, diferente de Fausto que, ao voltar para casa, após um passeio pela cidade, com Wagner, leva o cão que os seguia para dentro e, avisado pelos espíritos de que lá dentro *treme um lince infernal, raivoso* (p. 69), invoca a Salamandra, a Ondina, o Silfo e o Gnomo em vão, pois o cão transforma-se, primeiramente, num enorme elefante e, depois, transvestido de escolar, aparece-lhe Mefistófeles, com quem Fausto fará o pacto.

Assim, o demônio, que não fora invocado por Fausto, mas que tivera permissão de Deus, para tentar ganhar-lhe a alma, faz-se presença viva, o que não acontece em *Grande sertão*, apesar das repetidas invocações de Riobaldo. Portanto, o pacto é falho, pois o demônio não aparece e mais tarde Riobaldo descobre que o lugar não se chamava Veredas Mortas, mas sim Veredas Altas. O que ocorre, então, não é o pacto com o demônio, mas com as forças telúricas, com a natureza, pois Riobaldo bebe a água do bebedouro de veados, beija o chão e abraça uma árvore, integrando-se, portanto, à natureza:

O pacto de Riobaldo não visa mais (como o pacto fáustico) o saber e a racionalidade superiores, isto é, os valores tradicionais da humanidade ocidental, mas ele parece concluir uma aliança com as forças mais obscuras, dúbias e irracionais. São pulsações naturais e cósmicas (não estratégias racionais e refletidas) que vão pôr fim à guerra contra Hermógenes.<sup>6</sup>

Diferentemente do *Fausto*, de Goethe, que faz o pacto com o demônio porque deseja saber mais, Riobaldo, em *Grande sertão*, resolve fazer o pacto para conseguir o comando e destruir o inimigo. Em *Por que literatura*, Luiz Costa Lima<sup>7</sup> diz que, no pacto, Riobaldo busca vencer o medo, estando, para isso, disposto a fazer o sacrifício da entrega do todo seu ao demônio, desde que com isso vencesse Hermógenes. Em suas próprias palavras:

E o próprio medo que advinha era um medo enjambrado pelas palavras anteriores. Elas lhe haviam ensinado o nome demônio e os seus malefícios. A repetição rápida de palavras — “viesse, viesse, tinha de obedecer” — visam o autoconvencimento que lhe afirmassem o contrário das anteriores. O que não conseguiria se elas se exercessem no vácuo, como se não tivessem poderes para chamar a quem queria. Por isso se repete: “ele tinha que vir, se existisse. Naquela hora existia”. Por isso ainda se nada surge pela frente, Riobaldo Tatarana tem de entreter o diálogo consigo próprio. Era preciso que a palavra o ocupasse inteiramente, sem que houvesse uma brecha a ser tomada pela fraqueza. É ela que o inteiriça para o combate que convoca. Riobaldo, então se apossa num crescendo de si mesmo. As palavras se repetem sem que formulem uma espécie de litania mágica. Repetem-se acrescentando a inteligência do que lhe rodeia. Por isso, quando tem ao fim a coragem de desafiar o Cujo em alta voz e pelo seu nome é que Riobaldo sente a posse completa de si. A palavra ativa o seu renascimento: fechou o arrocho do assunto.<sup>8</sup>

Portanto, embora Riobaldo passe o resto de sua vida na dúvida da realização ou não do pacto com o demônio, o que ele busca ao tentar fazê-lo são forças para ordenar o mundo caótico do sertão. Essas forças, ele as obtém através da comunhão com as forças naturais e através da palavra. Após o pacto, Riobaldo que, até então, era subjugado pelas forças malignas do sertão, passa a subjugar-lo, invertendo a ordem natural das coisas, impondo ordem ao caos. O pacto é, também, o encontro da

---

<sup>6</sup> ROSENFELD, K. A modernidade barroca do “Grande sertão: veredas”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 91, p. 42, 1993.

<sup>7</sup> LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura?* Petrópolis: Vozes, 1969.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 88.

própria identidade da personagem, que afirma:

O que eu agora queria! Ah, acho que o que era meu, mas que o desconhecido era, duvidável. Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia. Carecia. “Deus ou o demo?” – sofri um velho pensar. Mas, como era que eu queria, de que jeito, que? Feito o arfo de meu ar, feito tudo: que eu então havia de achar morrer de uma vez, caso que aquilo agora para mim não fosse constituído. E em troca eu cedia às arras, tudo meu, tudo o mais – alma e palma, e desalma... Deus e o Demo! – “Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...” (p. 318).

Em Veredas Mortas, Riobaldo sente-se embriagado do “próprio eu”, como ele mesmo declara ao doutor: *Digo direi, de verdade: eu estava bêbado de meu. Ah, esta vida, às não-vezes, é terrível bonita, horrorosamente, esta vida é grande* (p. 319). Tendo vencido o medo e encontrado a própria identidade, Riobaldo, embebido das forças telúricas, consegue realizar a missão a que se propusera – cumprir o seu destino – atravessar o Liso do Sussuarão e vencer Hermógenes, pois

O bem e o mal, a culpa e a expiação, o julgamento e a “travessia”, a liberdade e a graça, enfim, o problema fáustico do destino e da finalidade humana são as constantes de Grande sertão – temas dados, desenvolvidos, recapitulados, transfigurados, retomados, modulados em todos os timbres e acordes.<sup>9</sup>

O homem, ser inacabado, tanto pode ser influenciado pelo diabólico como pelo divino, porque o *diabo*, é *às brutas*; mas Deus é *traíçoeiro*! Ah, uma beleza de *traíçoeiro* – dá gosto! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza (p. 21). O demônio caracteriza-se, assim, pelo inesperado, pois é *às brutas*, enquanto Deus é de *mansinho*, é o *milagre*. Portanto, a experiência da realidade é colocada na obra como mistério, uma vez que o homem se encontra perdido no mundo exterior, à mercê das armadilhas de Deus e dos assaltos do demônio.

---

<sup>9</sup> COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970. p. 449. (Modernismo; v. 5).

Acontece, assim, em *Grande sertão: veredas*, uma reelaboração do mito fáustico, efetuada a partir da consciência ingênua do sertanejo – símbolo do homem primitivo – que percebe a natureza preservando sua relação mítica com as forças benignas, identificadas com Deus, e as forças malignas, identificadas com o demônio. Tais forças exercem seu poder sobre o homem, pois: *o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior* (p. 21).